

O FIGURINO TEATRAL NA SALA DE AULA

Costume Design in Classroom

Vasconcelos, Tainá Macedo; Mestre; Universidade Federal do Amapá,
taina@unifap.br¹

Resumo:

Esse trabalho tem como objetivo discutir questões relacionadas a criação de figurinos na escolar, bem como apresentar uma proposta de laboratório, onde o aluno possa compreender etapas de elaboração e confecção de figurinos. E assim, contribuir para a potencialização do ensino de teatro na escola.

Palavras chave. Figurino; teatro; ensino.

Abstract:

This paper aims to discuss issues related to costume design in school, and propose a laboratory, where the student can understand the steps of making costumes. And contribute to the quality increase of theatre education in school.

Keywords. Costume; theatre; education.

Introdução

O figurino é parte integrante da encenação como significante cênico (PAVIS, 1999). O figurinista é capaz de compor a cena com informações sobre as personagens e o contexto em que estão inseridas. A escolha do figurinista influencia na percepção do espectador, por isso a necessidade de definir cores, volumes e texturas adequadamente para cada espetáculo.

O processo de criação de figurino abrange as seguintes etapas: análise do texto ou tema para criação individualizada, estudo de referências estéticas e históricas, criação dos croquis com indicação dos materiais e das cores, confecção das peças de figurino, provas e manutenção após a entrega. Esse percurso pode acontecer de variados modos nas produções profissionais de teatro (MUNIZ, 2004), e também na escola.

¹ Professora do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá. Mestre em Artes e graduada em Teatro pela Universidade Federal da Paraíba. Figurinista atuante nas artes cênicas e em produções audiovisuais.

Arte, teatro e figurino na escola

O contato com a arte é essencial para formação do sujeito. Há muito tempo a prática artística é abordada nas instituições educativas, e questionou-se muito o caráter formador de virtuosos artistas nos conservatórios do passado. Hoje, a maior luta é fazer com que a arte esteja presente em todos os níveis de ensino da educação básica, do infantil ao médio, e em todas as suas expressões.

O ensino de arte na escola, para Ana Mae Barbosa, deve compreender uma abordagem triangular, que envolve o conhecimento prático da criação artística, a visão do espectador que aprecia a arte e a noção histórica sobre arte. 'O conhecimento em artes se dá na interseção da experimentação, da decodificação e da informação. [...] O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte' (BARBOSA, 1994, p.32). O ensino do teatro, assim como o ensino das artes, deve incluir estes três aspectos, o do saber, do fazer e do ler o objeto ou ação artística. Ao estudar a história da arte, o aluno compreende o primeiro elo desse tripé, ao praticar a criação artística, alcançam o segundo elo, e o terceiro vem dos momentos de apreciação, onde o aluno assiste a um espetáculo, ou visita uma mostra de artes visuais, e assim é capaz de assimilar o que viu.

Ao estudar arte na escola, a criança desenvolve o olhar estético sobre o mundo. Ela atinge um desempenho cognitivo mais eficaz, além de alcançar a autonomia.

O intercruzamento de padrões estéticos e o discernimento de valores devia ser o princípio dialético a presidir os conteúdos dos currículos na escola, através da magia do fazer, da leitura desse fazer e dos fazeres de artistas populares e eruditos, e da contextualização destes artistas no seu tempo e no seu espaço (BARBOSA, 1994, p.34).

Ao sugerir que o currículo escolar esteja embasado na formação ética e artística do sujeito, a autora propõe que a escola se aproxime da comunidade, buscando aprender com aqueles que já produzem arte. Desta forma o repertório artístico da criança é intensificado tanto pela cultura popular como

pela erudita. Isso, quando somado a compreensão e ao fazer prático da arte, resulta na aprendizagem e na construção de indivíduos críticos e sensíveis.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, o ensino fundamental ‘tem como objetivo a formação básica do cidadão, mediante [...] a compreensão das artes’, e no ensino médio existe apenas um destaque para as artes. Isso indica que segundo a LDBEN, o ensino de arte acontecerá de forma genérica.

Em 1998, foram publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de artes no ensino fundamental. Esse documento apresenta as diretrizes curriculares para o ensino de arte, dividido em quatro linguagens, artes visuais, dança, música e teatro. Todavia, fica a critério da escola definir qual linguagem artística irá abordar e de que forma, se será anual ou bimestral, por exemplo. Para cada linguagem artística são definidos os objetivos gerais, os conteúdos e os critérios de avaliação.

Em 2016, foi aprovado o Plano de Lei que altera a LDBEN de 1996, compreendendo que o ensino de teatro é componente curricular obrigatório em todas as etapas e modalidades da educação básica. E institui o prazo de 05 anos para implantação das mudanças, incluindo a formação de novos professores na área. Porém, ainda hoje, o espaço destinado às artes na escola confunde-se com atividades de recreação e decoração, vinculadas as datas festivas do calendário. A esperança é que com toda a legislação a favor, o ensino de teatro ganhe força e alcance todos os níveis da educação básica como componente curricular.

Fundamentado nos PCN's, o ensino do teatro tem como conteúdo: conhecer os elementos essenciais para a elaboração de um espetáculo teatral; bem como, experimentar, pesquisar e criar maquiagens, máscaras, cenários e figurinos. Além de suscitar a utilização de materiais disponíveis na comunidade e na escola, com o objetivo de experimentar os elementos da linguagem teatral. Com base nisso, é possível afirmar que os elementos teatrais compõem o ensino do teatro, e o figurino devem ser encarados como possibilidades de construções pedagógicas para os alunos.

O que se propõe com esse trabalho é retomar as ideias presentes nos PCN's, onde o estudo dos elementos teatrais é fundamental para a formação

do alunado. Com isso, o figurino passa a ser visto como conteúdo, capaz de proporcionar experiências significativas no processo de formação dos sujeitos. Com a efetivação de uma sala de elaboração, confecção e acervo de figurinos, a escola está permitindo o acesso às fases de criação do espetáculo teatral, bem como, contribuindo para a formação de futuros artistas.

A criação de figurinos na escola

A criação de figurinos na escola acontece sempre que um espetáculo é desenvolvido por professores, monitores e alunos. Os figurinos na maioria das vezes assumem maior importância nas montagens, devido a precariedade técnica e a falta de tempo para realizar um bom trabalho. A confecção dos figurinos se dá com a contratação de profissionais externos, e os pais dos alunos costumam financiar as roupas.

O que ocorre na maior parte das escolas, é a precariedade relacionada ao ensino de arte. Não existe espaço adequado para prática artística, ao falarmos de teatro, o espaço mínimo exigido é uma sala com chão limpo, mas nem isso é liberado pela direção, fazendo com que os professores improvisem tudo.

Porém, existem algumas exceções. Como exemplo é possível citar o trabalho desenvolvido por uma ONG em Goiânia-GO, com o apoio das secretarias de educação e da arquidiocese local. Esse projeto foi uma iniciativa de complementação do ensino formal, oferecido pela ONG, por meio de oficinas que envolvem artes, esportes e conteúdos gerais. No final do ano letivo, houve uma culminância entre as oficinas que resultaram na montagem de um espetáculo.

Kelly Bianca Clifford Valença (2010) relatou a sua experiência nesse processo. A primeira falha indicada por Valença é a falta de preparo dos professores sobre assuntos técnicos específicos. Ao ficar responsável pelo desenvolvimento da cenografia e figurinos do espetáculo final, Valença relatou que foi preciso estudar e fazer oficinas que introduzissem o assunto que não havia sido abordado na licenciatura de artes visuais, formação dos professores envolvidos na construção do cenário e dos figurinos. O trabalho foi

desenvolvido em 3 meses, de outubro a dezembro, e resultou em mais de 300 peças de figurinos, incluindo adereços.

O processo de criação desses figurinos foi descrito nas seguintes etapas:

- Etapa I : medição corporal de todos os alunos do projeto.
- Etapa II: Organização das tabelas de medidas referentes aos alunos de cada cena teatral.
- Etapa III: Concepção dos modelos e elaboração dos desenhos da indumentária de cada cena.
- Etapa IV: Seleção e compra dos tecidos, aviamentos e acessórios necessários à confecção do figurino.
- Etapa V: Entrega dos desenhos, tabela de medidas, tecidos e aviamentos à costureira encarregada.
- Etapa VI: Supervisão da costura.
- Etapa VII: Conferência do número de roupas, bem como das medidas, após a entrega.
- Etapa VIII: Organização e etiquetagem dos cabides em araras (divisão por cenas).
- Etapa IX: Realização de acabamentos, apliques e/ou pequenas costuras necessárias à finalização de alguns trajes.
- Etapa X: Confecção de acessórios não encontrados para venda ou aluguel em Goiânia, a exemplo de arranjos de cabelo, chapéus com design específico, etc.
- Etapa XI: Providência dos sapatos e acessórios de todos os personagens.
- Etapa XII: Organização dos sapatos (por numeração) e acessórios dos personagens principais.
- Etapa XIII: Suporte às crianças - nos camarins - em dias de espetáculo. (VALENÇA, 2010, p.249).

Com este relato é possível perceber no processo de criação de figurinos em um ambiente escolar, algumas características específicas, como a criação dos modelos ou croquis, a confecção, a distribuição e organização dos figurinos para apresentação. Os croquis podem ser realizados pela professora ou pelos alunos, como uma atividade pedagógica. A confecção é feita por uma costureira contratada, em alguns casos que envolva a comunidade, a costureira pode ser familiar de algum aluno e integrar o projeto como parceira. E o processo de distribuição dos figurinos deve ser muito cuidadoso quando houver mais de um modelo igual, é importante etiquetar de maneira visível. A organização do camarim, ou da sala onde ficam guardados os figurinos e adereços, é fundamental para não ocasionar perdas nem furtos.

Sobre outro aspecto da criação de figurinos na escola, é possível redimensionar essa noção, partindo da análise contextualizada da minha

própria experiência como figurinista, na montagem do texto *Maria roupa de palha*, de Maria de Lourdes Nunes Ramalho, no Instituto Paraibano de Ensino Integrado. A montagem fez parte do evento pedagógico chamado *Caminho das artes*, e se desenvolveu no ano de 2010. Esse projeto visava integrar todos os alunos do ensino fundamental II na montagem de um espetáculo teatral.

Os alunos se dividiram por todas as etapas de criação de um espetáculo cênico. Alguns grupos foram se destacando. Aqueles que tocavam algum instrumento ou cantavam se juntaram para desenvolver a trilha sonora. Outros se disponibilizaram como atores. Alguns desejavam ajudar, mas não queriam aparecer em cena, e se tornaram contraregras e assistentes. Pais e amigos foram convidados a contribuir de alguma forma com o trabalho.

Para enriquecer o espetáculo, a coordenação da escola e a professora de artes investiram em oficinas formadoras para os alunos. Aconteceram oficinas sobre sonoplastia, adaptação do texto teatral, iluminação e figurino.

O processo criativo de figurinos surgiu dessa oficina. Cada turma ficou responsável pelos personagens que eles representavam, e após debate sobre figurino, os alunos desenhavam ou escreviam as suas ideias. As várias opiniões sobre determinado figurino podem tornar heterogêneo o processo por conta da divergência, e a presença do profissional da área direciona o trabalho dos alunos para o melhor caminho.

A importância desse trabalho se dá pelo fato de indicar o processo colaborativo, como estímulo para inclusão de alunos na aprendizagem do fazer teatral. Além de desmistificar a produção de um espetáculo teatral para os alunos, através do ponto de vista de um profissional da área, neste caso, uma figurinista.

Entre todos os figurinos, gostaria de citar a turma do 7º ano, que ficou responsável pelo figurino dos personagens Peixes. A indicação para esses personagens era simples, o figurino deveria se assemelhar a roupas de pescadores. Os desenhos foram bem interessantes, mas a maioria apresentou a mesma estrutura para o figurino: calça curta, camiseta simples, chinelo, chapéu e vara de pescar. As cores mais usadas foram o azul e o amarelo.

De acordo com os desenhos dos alunos foi desenvolvido um croqui que unificasse todas as ideias e representasse a personagem. A estrutura se

manteve a mesma (calça, camisa, chinelo e chapéu), com alguns detalhes a mais, por exemplo a calça ter a barra dobrada, a camisa ser de botão, e o chapéu ter estrelas e luas presos.

Figura 1: Desenhos dos alunos para os Peixes, pesquisa direta.

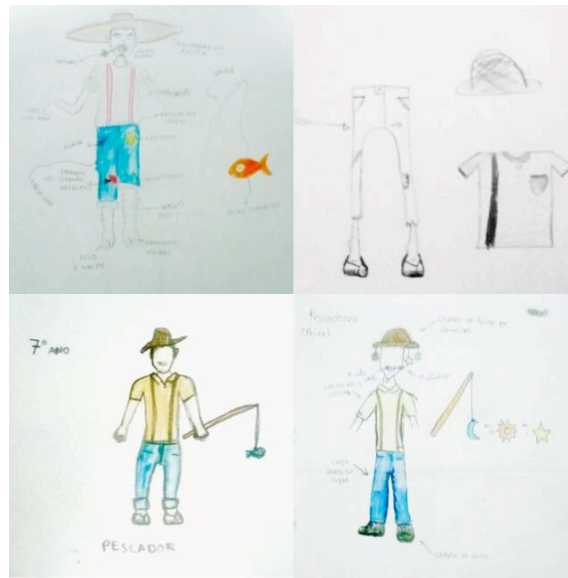


Figura 2: Desenho para os Peixes, ilustração da autora.



Esse croqui foi enviado para os responsáveis dos alunos, para que encaminhassem para a costureira da preferência de cada um. Esse processo de não utilizar o serviço de costura de uma mesma pessoa, ainda com o desenho e com uma cartinha explicativa, gera figurinos diferentes. Neste caso, essa diferença criou em algum aspecto uma unidade no conjunto visual. Em vez de ficarem todos os atores com a mesma roupa, como um fardamento, eles se diferenciavam em comprimento e em tonalidades de cores, porém se aproximavam à questão do conceito estabelecido para essa personagem. O figurino, mesmo confeccionado com tecidos diferentes, estava dentro de um padrão que havia sido estabelecido pelos alunos através do desenho, e isso foi mantido até o final.

A montagem do espetáculo *Maria roupa de palha*, contribuiu para a integração dos alunos com a criação artística. O projeto *Caminho das Artes* acontece até hoje no IPEI, e continua possibilitando aos alunos o contato com o fazer teatral.

Enfim, observa-se que pouco se fala sobre o modo de criação de figurinos na escola. O relato da professora Valença deixa claro as inúmeras lacunas que existem no processo de ensino e aprendizagem do teatro, desde a formação do professor nas licenciaturas, até o espaço que é disponibilizado pelas escolas para realização de atividades artísticas.

O processo criativo de figurinos na escola pode ocorrer de diversas formas. Os exemplos citados aqui partem do conhecimento empírico e são assumidos enquanto objetos de estudo. É possível criar os croquis a partir do texto, sem a interferência dos alunos, fazendo uma elaboração maior das características das personagens, ou incluir os alunos neste processo, de forma que cada um se sinta responsável por uma parcela do trabalho. A confecção pode ficar a cargo de uma costureira contratada, que realizará o projeto igualmente para todos os participantes, ou dividindo entre várias costureiras de acordo com o desejo dos responsáveis pelo aluno.

Entretanto, observa-se que o trabalho cresce positivamente ao envolver a comunidade nesse processo criativo. Ao criar os figurinos sem o auxílio dos alunos, de forma individual pelo professor de artes, os alunos acabam perdendo a oportunidade de experimentar esse processo. O aluno é capaz de

refletir sobre as personagens e suas histórias, e desenvolver os figurinos. Em vez de contratar uma costureira alheia ao processo, pode-se convidar uma profissional que trabalhe na comunidade que cerca a escola, que pode ser mãe de algum aluno ou não. Ao compreender a importância disso para o desenvolvimento do aluno enquanto cidadão do mundo, está sendo realizado o que diz nos parâmetros curriculares nacionais sobre o ensino de artes, e contribuindo com a formação de um indivíduo sensível e criativo.

Laboratório de criação de figurinos

O laboratório de criação de figurinos é uma proposta de ateliê criativo, que visa alcançar a prática de elaboração e confecção de trajes cênicos como conhecimento necessário à experimentação do que é teatro. Escolas, universidades, associações, sedes de grupos artísticos e outras instituições podem desenvolver esta ideia. Esse espaço está destinado a estudantes, pesquisadores, artistas e pessoas interessadas em participar do processo de concepção de figurinos. Com isso, os alunos poderão compreender o aspecto de produção que ocorre antes do espetáculo, para que este se concretize visualmente, e também contribuir para a formação de novos figurinistas.

Essa proposta se torna viável, a partir do momento que a produção teatral é recorrente no âmbito educativo. Ao identificar a falta de condições mínimas na maioria dos espaços educativos, esse laboratório pode ser viabilizado de acordo com as necessidades de cada comunidade, bairro e cidade, onde um mesmo laboratório pode servir a diferentes escolas, basta organizar os horários e agendar. Com a implementação do laboratório de criação de figurinos, o fazer teatral na escola irá alcançar outro patamar ao integrar o aluno como sujeito criativo e responsável pela sua produção.

Para efetivação, basta que uma ou mais instituições consentam, trabalhando para escolha do ambiente adequado, para o financiamento dos equipamentos e móveis e divulgação das atividades oferecidas. Os custos são de responsabilidade das instituições realizadoras do laboratório, e podem ser financiados pela iniciativa pública ou privada, fica a critério de cada instituição.

O laboratório de criação de figurinos é dividido por áreas, pensando na sequência mais comum de atividades necessárias para construção de um figurino. Essas áreas são divididas da seguinte forma: criação, confecção, beneficiamento e acervo. Ao levar em consideração o processo de planejamento e confecção de uma peça de roupa, não se pode deixar de tomar como exemplo para a essa proposta de laboratório de figurinos, o ateliê de moda. Sue Jenkyn Jones (2005) apresenta as principais características de um ateliê de moda para uma faculdade.

O ateliê de uma faculdade pode ser organizado de várias formas. Pode simular o estúdio de um estilista ou o ambiente de uma pequena fábrica, dependendo da estrutura do curso e do equilíbrio entre o número de estudantes, professores e assistentes da área técnica. Algumas faculdades permitem que cada aluno tenha sua própria estação de trabalho e outras oferecem um ambiente sem divisões, onde os estudantes usam os equipamentos por ordem de chegada (JONES, 2005, p. 138).

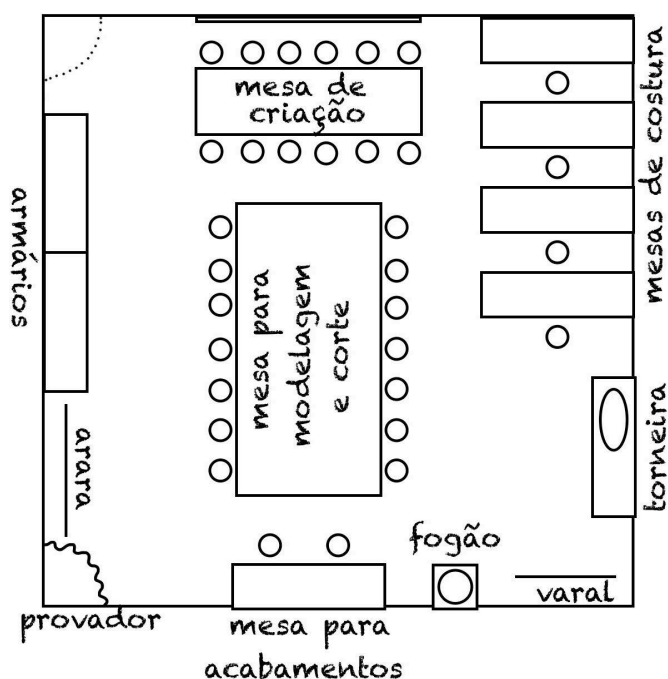
Sobre a estrutura física, a melhor opção é a estruturação de um ambiente comunitário, sem estações individuais de trabalho, com o intuito de favorecer a colaboração e a construção do saber coletivo. Em primeiro lugar, a sala deve ser ampla e bem ventilada, a instalação elétrica deve ter sido revisada de acordo com as normas de segurança da companhia elétrica local e contar com um balcão com torneira fixa.

A criação de figurinos sempre passa por um lugar inicial de elaboração e planejamento, ao qual denomina-se de criação. A maior parte dos processos criativos exigem algo relacionado a costura, desde a confecção de uma peça inteira, ou a remodelagem, para essa atividade foi pensado o segundo espaço, a confecção. O terceiro espaço, chamado beneficiamento, está voltado aos processos de acabamento e customização que são necessários a todos os modos de criar figurinos. O quarto e último espaço é o acervo, o mais importante de todos, pois é nesse lugar onde serão armazenadas as matérias para criação, confecção e customização dos figurinos, além de guardar as roupas que forem produzidas na instituição.

Como aplicar no espaço educativo?

Para finalizar este trabalho, apresento uma possibilidade de aplicação do laboratório de criação de figurinos em um espaço educativo. Essa proposta pode e deve ser alterada de acordo com as possibilidades de cada instituição, essa é uma indicação a partir do que foi discutido no decorrer deste texto, uma alternativa para execução deste laboratório.

Figura 3: Esboço do laboratório de criação de figurinos, em sala 8x8, ilustração da autora.



A escolha foi por uma sala com dimensões que atingem 8m x 8m. Esse espaço foi dividido em quatro áreas. A referência para visualização é uma pessoa em pé na porta, olhando para dentro do laboratório. Ao lado esquerdo da porta fica a área de criação, com uma bancada para 12 pessoas, e um quadro branco na parede. No centro da sala, está localizada a mesa de modelagem e corte, que foi destinada a 14 pessoas. No final do lado esquerdo estão as máquinas de costura, até então, quatro máquinas (2 retas e 2 overloque). No final da sala, por trás da mesa de modelagem e corte, estão o balcão com torneira, espaço para um varal, fogão com uma boca e uma mesa para bordados e aplicações finais. Por último, no lado direito da porta, estão

dois armários para guardar os materiais necessários para criação e confecção de figurinos, além de uma arara, para pendurar os figurinos prontos e um provador no canto da sala.

Ao todo, segundo essa possibilidade, o laboratório poderá receber cerca de 30 pessoas, por isso é necessário organizar uma escala de utilização, levando em consideração a demanda existente. É importante que cada laboratório estabeleça os horários de funcionamento e as regras de utilização. Agora, é só escolher o espetáculo e iniciar as atividades.

Considerações finais

O figurino teatral é componente integrante no fazer teatral. Além de contribuir para a construção da visualidade do espetáculo, o figurino pode indicar características das personagens representadas, facilitando o entendimento por parte do espectador.

Ao vislumbrar o ensino de teatro hoje, percebo que poucas são as opções metodológicas utilizadas pela maioria dos professores, e os conteúdos não ultrapassam muito os jogos teatrais. Até porque a estrutura física disponível para as aulas de artes, nunca é adequada para o trabalho criativo e cênico.

Com isso, a criação desse laboratório vem somar qualidade ao ensino de teatro, e experiência artística do aluno. De maneira que, o aluno ao se envolver com o processo de construção do espetáculo cênico, por meio da elaboração dos figurinos, estará ampliando suas capacidades cognitivas com a atividade criativa. Por outro lado, estaremos fortalecendo uma área técnica dentro das artes cênicas que possui poucos profissionais, e a partir dessa experiência podem surgir novos figurinistas.

Essa proposição pode soar utópica, partindo do pressuposto que as atuais condições do ensino de arte no Brasil estão se desenvolvendo em passos lentos. Porém, esse é um olhar inicial, uma proposta de base, que pode alavancar outras experiências criativas e artísticas para a sociedade.

Para Célestin Freinet, “a escola nunca é uma parada. É a estrada aberta para os horizontes que se devem conquistar” (2004, p. 34). Essa experiência

pedagógica é muito mais importante, se for observada com foco no horizonte a ser conquistado. Os alunos serão motivados por aulas dinâmicas e conteúdos práticos, de maneira que ao se envolverem com os projetos artísticos da escola, estarão se formando artistas também.

A pretensão desse trabalho sempre foi alcançar de forma criativa, um novo aspecto do ensino de teatro e valorizar a aprendizagem de várias etapas da prática artística, contribuindo para formação de sujeitos críticos e artistas autônomos. Compreendendo as dificuldades no que diz respeito a infraestrutura necessária para realizar ações teatrais dentro e fora da escola. A intenção é ultrapassar as barreiras com criatividade e ação.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no ensino de arte**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso: 05 mar 2016.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 05 mar 2016.

FREINET, Célestin. **A pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

JONES, Sue Jenkyn. **Fashion design: Manual do estilista**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MUNIZ, Rosane. **Vestindo os nus: figurino em cena**. Rio de Janeiro: SENAC, 2004.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

VALENÇA, Kelly Bianca Clifford. **Produção de figurino X formação docente continuada**: desafios de uma experiência com alunos da educação básica. Revista Polyphonia, Goiás, v. 21, n.1, p. 243-253, Jan. Jun. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sv/article/view/16311/9942>>. Acesso em: 29/11/2014.